

KILOMBA, Grada. 2019. Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Ed. Cobogó.

Aline Miranda<sup>1</sup>

Doutoranda em Antropologia Social/Universidade de Brasília (UnB)

[mirandabms@gmail.com](mailto:mirandabms@gmail.com)

Como se desfazer do colonialismo? Esta pergunta permeia toda a reflexão de Grada Kilomba em sua obra *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano*, publicado no Brasil em 2019. Artista interdisciplinar, escritora e teórica, com raízes em Angola e São Tomé e Príncipe, nascida em Lisboa, onde estudou psicologia e psicanálise, Grada Kilomba examina a atemporalidade do racismo cotidiano e mostra como o passado colonial coincide com a trágica realidade vivida pelo *sujeito negro* no presente. Através do diálogo com afro-alemãs e mulheres de ascendência africana na Alemanha, a autora tece uma análise interpretativa baseada na teoria psicanalítica e pós-colonial. Com base em entrevistas narrativas biográficas, Grada Kilomba busca entender, reconstruir e recuperar experiências de mulheres negras com o racismo em uma sociedade branca patriarcal.

Inicialmente publicado na Alemanha (2008), *Memórias da plantação* é a tese de doutorado de Grada Kilomba, defendida na Freie Universität e que lhe rendeu a mais alta e rara distinção acadêmica, a *summa cum laude*. Diferente da versão original em língua inglesa, a edição brasileira, traduzida por Jess Oliveira, é aberta com uma carta da autora, na qual ela narra brevemente a sua trajetória e afirma que o livro é muito pessoal,

---

1 Possui graduação em Antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2017) e mestrado em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (2020). Atualmente é antropóloga do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), onde atua no Departamento de Patrimônio Imaterial (DPI). É também doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade de Brasília (UnB), onde integra o Coletivo Zora Hurston. Seus interesses de pesquisa perpassam os seguintes temas: parentesco, relações raciais, colonialismo e pós-colonialismo, negras epistemologias, administração da justiça, patrimônio imaterial e políticas culturais. Desde 2014 desenvolve trabalho de campo na região sul de Moçambique, dedicando-se atualmente, no âmbito do doutorado, ao estudo das práticas de nomeação nesse contexto.

justamente por ter sido escrito para que ela pudesse entender quem ela é. A carta à edição brasileira apresenta uma explicação do significado de “uma série de terminologias que, quando escritas em português, revelam uma profunda falta de reflexão e teorização da história e heranças coloniais e patriarcais” (Kilomba 2019: 14). Ao explicar o significado dessas terminologias (*sujeito, objeto, outra/o, negra/o, preta/o, mestiça/o, escravizada/o e subalterna*) e apresentar as escolhas sobre como utilizá-las e escrevê-las ao longo do livro, Grada Kilomba chama atenção para a dimensão política da língua e de sua capacidade de “criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência” (*idem*).

O livro está dividido em quatorze capítulos. Já na introdução, Grada Kilomba faz uma discussão sobre o silêncio imposto pelo projeto colonial durante vários anos na história e, em diálogo com bell hooks (1989) e Stuart Hall (1990), mostra como a passagem de objeto a sujeito é um ato político e de descolonização. A partir disso, o objetivo do livro é apresentado como sendo a representação de um desejo duplo, o de opor-se ao lugar de “Outridade” e de inventar um novo modo de ser e o de tornar-se sujeito. O título *Memórias da plantação* descreve o racismo cotidiano como a reencenação de um passado colonial e de uma realidade traumática, que é negligenciada (Kilomba 2019: 29). “*Plantação*” (*plantation*, em inglês) – sistema de exploração colonial utilizado entre os séculos XV e XIX – é uma metáfora utilizada pela autora para evocar “a lembrança de uma história coletiva de opressão racial, insultos, humilhação e dor” (Kilomba 2019: 213). Nesse sentido, racismo cotidiano é conceitualizado como a atualização dessa história coletiva, o que nos mostra como presente e passado são indissociáveis e que, tampouco, seria possível “esquecer” a história desse passado.

No capítulo 1, a autora relaciona colonialismo, memória, trauma e descolonização a partir da figura da “máscara do silenciamento”, que representa o colonialismo como um todo. A boca, no âmbito do racismo, é tida como um órgão de “opressão por excelência” e como o órgão severamente censurado. “Quem pode falar?”, “o que acontece quando falamos?”, “e sobre o que podemos falar?” são as questões a partir das quais Grada Kilomba elabora a discussão ao longo do capítulo. Questões que dizem respeito ao processo de construção do *sujeito negro* como *a/o “Outra/o”*, como aquilo que o *sujeito branco* não quer parecer. Nesse contexto, a existência do *sujeito negro* é tida como uma experiência traumática, “um estado de absoluta ‘Outridade’ na relação com o *sujeito branco*” (Kilomba 2019: 40).

No capítulo 2, Grada Kilomba se detém particularmente à questão de quem pode falar e aciona de maneira crítica as proposições de Gayatri C. Spivak (1995), acerca da *subalterna silenciosa*, ao argumentar que ver o colonizado como incapaz de falar e com

discursos insatisfatórios e inadequados seria um posicionamento problemático, afinal “os grupos subalternos – colonizados – não têm sido nem vítimas passivas nem tampouco cúmplices voluntárias/os da dominação” (Kilomba 2019: 49). Entretanto, a autora não deixa de reconhecer a relevância do esforço de Spivak em não romantizar a ideia de *sujeitos* resistentes, que poderiam ter seus pontos de vista facilmente recuperados. Ao contrário disso, assim como Spivak, Grada Kilomba nos alerta diante da constante ausência (no centro) da voz da/o colonizada/o e, conseqüentemente, da dificuldade de recuperar tal voz.

Ainda no capítulo 2, a autora reflete sobre a ordem eurocêntrica de conhecimento e como ela constrói os discursos de intelectuais negra/os como menos válidos através dos mitos da universalidade e da objetividade. A partir disso, Kilomba propõe o desenvolvimento de uma epistemologia que inclua a dimensão do pessoal e do subjetivo como parte do discurso acadêmico, tendo em vista que não há discursos neutros. Sua proposta de descolonizar o conhecimento dialoga com Felly Nkweto Simmonds (1997), que fala do exercício de escrever sobre o próprio corpo e explorar os significados desse corpo, que é uma estratégia muito usada por mulheres africanas e afrodiáspóricas para desconstruir a posição subalterna na universidade. Em diálogo com bell hooks (1995), Grada Kilomba (2019: 68) afirma que a margem não deve ser vista como um espaço de perda e privação, mas sim como um espaço de criatividade, resistência e possibilidades. Segundo a autora (2019: 69), “é o entendimento e o estudo da própria marginalidade que criam a possibilidade de devir como um novo sujeito”.

No capítulo 3, Grada Kilomba apresenta a metodologia da sua pesquisa. Seu objetivo, antes de mais nada, parte do desejo de levar em consideração as construções de gênero e o impacto do gênero nas formas e nas experiências de racismo. O foco recai sobre o racismo cotidiano, definido como “todo o vocabulário, discursos, imagens, gestos, ações e olhares que colocam o sujeito negro e as Pessoas de Cor não só como ‘Outra/o’ – a diferença contra a qual o sujeito branco é medido – mas como Outridade” (Kilomba 2019: 78). A metodologia adotada dialoga com a “perspectiva do sujeito” de Paul Mecheril (1997) e consiste basicamente em entrevistas narrativas biográficas com mulheres afro-alemãs e mulheres de ascendência africana na Alemanha sobre suas respectivas experiências da vida real no país. A autora afirma que entrevistou três afro-alemãs e três mulheres de ascendência africana (uma ganense, outra afro-brasileira e uma afro-estadunidense), mas as entrevistas com a afro-alemã Alicia e a afro-estadunidense Kathleen (nomes fictícios) foram as escolhidas para a produção das análises do livro, por “fornecerem materiais contínuos sobre o racismo cotidiano” (Kilomba 2019: 84).

Grada Kilomba definiu um esquema global de entrevista mínima e destacou os principais grupos de informações que ela gostaria de estudar a partir da realidade subjetiva e a experiência com o racismo nas vidas das entrevistadas. São eles: (i) percepções de identidade racial e racismo na infância; (ii) percepções gerais de racismo e questões raciais na família; (iii) experiências pessoais e vicárias de racismo na vida cotidiana; (iv) percepções de si em relação a outras pessoas *negras*; (v) percepções de branquitude no imaginário *negro*; (vi) percepções de beleza feminina negra e questões relacionadas ao cabelo; (vii) percepções da feminilidade *negra* e (viii) a sexualização das mulheres *negras* (Kilomba 2019: 87). Conforme afirma a autora, as interpretações sobre o racismo foram elaboradas com base nos relatos reunidos nas entrevistas não diretivas, através do que ela chamou de “análise episódica”, que “descreve os diferentes contextos nos quais o racismo é performado, criando uma sequência de cenas do racismo cotidiano” (Kilomba 2019: 88). Grada Kilomba se baseia tanto em teorias anteriores ou expectativas sobre racismo e questões raciais, quanto na comparação entre os aspectos do evento narrado pela entrevistada e outros casos relevantes para então avaliar a “probabilidade de um determinado evento ser um exemplo de racismo” (Kilomba 2019: 91).

As entrevistas com Alicia e Kathleen foram divididas em episódios, intitulados pela sequência de uma citação direta de algum trecho da fala da entrevistada que define e evoca o racismo cotidiano, seguida por subtítulo que é um tema teórico, que localiza a fala de conceitos e discussões teóricas. Analiticamente, Grada Kilomba (2019) se vale de uma interpretação fenomenológica a partir de Frantz Fanon (1967), que demonstra uma preocupação com o fenômeno em si e não com o universal, sendo uma forma bem-sucedida de descolonizar o conhecimento na medida em que transforma configurações de conhecimento e poder. Além disso, a autora constrói sua análise baseada na teoria psicanalítica e na teoria pós-colonial. A primeira, assim como propôs Fanon (1967), associa colonialismo e racismo e permite compreender a diferença racial e sexual no esquema colonial, enquanto a segunda permite uma análise de políticas de “raça” e de gênero, políticas coloniais e possíveis estratégias políticas de descolonização. Desse modo, as escolhas metodológicas e analíticas de Grada Kilomba caminham no sentido de mostrar como as experiências individuais das entrevistadas estão conectadas à memória e à história coletiva.

No capítulo 4, a autora tece uma discussão que conecta “raça” e gênero a partir do grande dilema teórico entre racismo e sexismo. Segundo Grada Kilomba (2019), “raça” e gênero são inseparáveis, tendo em vista que construções racistas se baseiam em papéis de gênero e vice-versa e que o gênero tem um impacto inegável na construção da “raça” e

na experiência do racismo. A partir disso, a autora aciona o conceito de Philomena Essed (1991) de “racismo genderizado”, que diz respeito ao impacto simultâneo da opressão “racial” e de gênero nas experiências de mulheres *negras* e de outras mulheres racializadas. Segundo Essed (1991), as manifestações dessa dupla opressão sobre as experiências de mulheres *negras* “se sobrepõem a algumas formas de sexismo contra mulheres *brancas* e racismo contra homens *negros*” (Kilomba 2019: 99). Seguindo a preocupação e o interesse pelo tema da descolonização, Grada Kilomba finaliza o capítulo chamando a atenção para a reivindicação das feministas *negras* de tornar a realidade de mulheres *negras* visíveis tanto na teoria quanto na história, afirmando que “o movimento e a teoria de mulheres *negras* têm tido, nesse sentido, um papel central no desenvolvimento de uma crítica pós-moderna, oferecendo uma nova perspectiva a debates contemporâneos sobre gênero e pós-colonialismo” (Kilomba 2019: 108). Inspirada e movida por esse movimento político e teórico é que Grada Kilomba localiza o objetivo de *Memórias da plantação*. Ao se apresentar para as leitoras e leitores como uma intelectual negra, Kilomba se coloca ao lado das mulheres entrevistadas, compreendendo a si mesma e as suas interlocutoras como “*sujeitos* falantes que estão transformando a teoria” (idem).

Do capítulo 5 ao capítulo 13, a autora se debruça sobre a análise dos episódios de racismo cotidiano, extraídos das entrevistas com Alicia e Kathleen. Ao todo foram analisados vinte e oito episódios, que são numerados, intitulados e narrados em uma sequência tão genuína que gera uma sensação em quem está lendo de estar diante de uma única história e, ao mesmo tempo, de várias. A análise dos episódios possibilita a compreensão plena do conceito de racismo cotidiano, com destaque para a sua definição como fenômeno ininterrupto na vida do *sujeito negro*. Ao longo desses capítulos, a análise dos episódios extraídos das entrevistas permitiu que a autora identificasse informações que tocam nos seguintes temas: (i) políticas espaciais; (ii) políticas do cabelo; (iii) políticas sexuais; (iv), políticas da pele; (v) cicatrizes psicológicas impostas pelo racismo cotidiano; (vi) estratégias psicológicas para curar-se do eu/ou superar o racismo cotidiano e (vii) estratégias de resistência (Kilomba 2019: 92).

Cada um dos episódios, analisados à luz dos temas supracitados, é capaz de ilustrar muito bem o modo como o racismo cotidiano opera como uma *mise-en-scène*, uma cena colonial, em que pessoas brancas se tornam sinhás/senhores e os *negros* tornam-se pessoas escravizadas. Nesse sentido, o racismo cotidiano, quando experienciado, revive um trauma colonial, conectando obrigatoriamente passado e presente. Nas palavras de Grada Kilomba, no racismo cotidiano “experiencia-se o presente como se estivesse no passado. Por um lado, cenas coloniais (o passado) são reencenadas através do racismo

cotidiano (o presente) e, por outro lado o racismo cotidiano (o presente) remonta cenas do colonialismo (o passado)” (Kilomba 2019: 158).

A partir disso, o conceito de trauma colonial se destaca na obra de Grada Kilomba como a expressão de experiências de ruptura, separação e dor violenta, que se conectam à história de desmembramento dos povos africanos, “ocorrência que afetou tragicamente não apenas aquelas e aqueles que ficaram para trás e sobreviveram à captura, mas sobretudo aquelas e aqueles que foram levadas/os para o exterior e escravizadas/os” (Kilomba 2019: 207). O olhar sobre o trauma colonial, permite às/aos leitoras/es compreender que “racismo não se trata de um problema pessoal, mas um problema branco estrutural e institucional que pessoas experienciam” (Kilomba 2019: 204).

No capítulo 14, o último da obra, Grada Kilomba reflete sobre a questão da “descolonização do eu” e afirma como o trauma é pouco discutido no contexto do racismo, o que representa uma negligência nos discursos ocidentais, nas disciplinas da psicologia e da psicanálise, em particular. À luz de Laplanche & Pontalis (1988), Claire Pajaczkowska & Lola Young (1992) e Sigmund Freud (1923), a autora apresenta as conceitualizações a respeito do trauma e destaca principalmente a sua dimensão como um evento violento na vida do sujeito, intenso e imprevisível, do qual o sujeito é incapaz de responder adequadamente (Kilomba 2019: 214). No racismo cotidiano, o *sujeito negro* revive e reatualiza um trauma individual, que é também um trauma coletivo e histórico do colonialismo - um trauma colonial (Kilomba 2019: 211). Desse modo, ao conceitualizar a experiência do racismo como traumática, a autora chama atenção para três aspectos principais envolvendo a associação entre trauma individual e trauma colonial, são eles o choque violento, a noção de separação e a ideia de atemporalidade.

Grada Kilomba trabalha ainda com a metáfora de que o racismo cotidiano seria como um ato de colonização, na medida em que “a pessoa que o experencia sente como se estivesse sendo apropriada pela/o ‘outra/o branca/o’ que, sem permissão, ‘anda na sua direção e pergunta [de onde você vem] sem sequer conhecê-la’, de acordo com Alicia, ou ‘tocam nosso cabelo ou nossa pele para sentir como pessoas negras são’, de acordo com Kathleen” (Kilomba 2019: 225). Segundo a autora, Alicia e Kathleen, quando experienciam episódios de racismo cotidiano são como “colônias metafóricas” (idem). Portanto, a argumentação final de Grada Kilomba é que assim como o processo de descolonização de um território envolve a realização da independência e da autonomia, a descolonização do eu também seria o caminho para desfazer do colonialismo. A realização da independência e da autonomia depende do estabelecimento de limites, de deixar de explicar ao sujeito *branco* o racismo e deixar de alimentar uma ordem colonial. “Para alcançar um novo papel

de igualdade, é preciso também colocar-se fora da dinâmica colonial; isto é, é preciso despir-se daquele lugar de Outridade. Portanto, é uma tarefa importante para o sujeito negro despedir-se da fantasia de ter de se explicar ao mundo branco” (Kilomba 2019: 25).

O processo de tornar-se sujeito, proposto em *Memórias da plantação*, funciona como uma defesa do ego que é caracterizado pelos mecanismos de negação, frustração, ambivalência, identificação e descolonização, em que esse último mecanismo marca que “não se existe mais como a/o ‘Outra/o’, mas como eu” (Kilomba 2019: 238). Nesse sentido, uma das grandes contribuições do livro é a teorização acerca de estratégias de descolonização. Ao chamar atenção para o tão negligenciado racismo cotidiano e apostar na produção de um discurso que seja tão político quanto pessoal e poético, Grada Kilomba abre caminho para a descolonização do sujeito negro e para a descolonização do conhecimento.

## Referências

ESSED, Philomena. 1991. *Understanding Everyday Racism. An Interdisciplinary Theory*. London: Routledge.

FANON, Frantz. 1967. *Black Skin, White Masks*. London: Grove Press.

FREUD, Sigmund. 1923. *The Ego and the Id and Other Works (1923-1925)*. vol. XIX. London: Vintage.

HALL, Stuart. 1989. “Cultural Identity and Diaspora”. In: J. Rutherford (ed.), *Identity, Community, Culture, Difference*. London: Lawrence & Wishart Limited. pp. 22-37.

hooks, bell. 1989. *Talking Back: thinking Feminist, Talking Black*. Boston: South End Press.

hooks, bell. 1995. *Killing Rage. Ending Racism*. New York: Owl Books.

KILOMBA, Grada. 2019. *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Ed. Cobogó.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. 1988. *The Language of Psychoanalysis*. London: Polestar Wheatons Ltd.

MECHERIL, Paul. 1997. “Halb-halb. iza, Zeitschrift für Migration und Sozial Arbeit”. *thema*, (3)4.

NKWETO SIMMONDS, Felly. 1997. “My body, myself: How does a Black woman so sociology?”. In: H. Mirza (ed.), *Black British Feminism. A reader*. London: Routledge.

PAJACZKOWSKA, Claire; YONG, Lola. 1992. “Racism, representation, Psychoanalysis”: In: J. Donald & A. Rattansi (ed.), *“Race”, Culture and Difference*. London: SAGE.

SPIVAK, Gayatri Chakravarty. 1995. "Can The Subaltern Speak?". In: B. Ashcroft; G. Griffiths & Helen Tiffin (ed.), *The post-colonial studies reader*. London: Routledge. pp. 24-8.

Recebido em 24 de janeiro de 2021.

Aceito em 07 de junho de 2021.